JOHN AJVIDE
LINDQVIST

Autor de *Deixa ela entrar* e *Estou atrás de você*

O verão de 1985

AMOSTRA

Tradução de **Helena Hilden**

TORDSILHAS
Rio de Janeiro, 2025

PRIMEIRA PARTE

ACHADOS NA PRAIA

AMOSTRA

I
A VELHA TURMA

1

Foi *naquele* verão. O verão de 1985. O verão do *Live Aid*.

É fácil culpar os processos biológicos quando não queremos assumir a responsabilidade por nossas ações, mas acho que muito do que houve no verão de 1985 aconteceu porque todos tínhamos treze ou catorze anos e porque os hormônios nos levaram a Svärtan.

Logo que nos encontramos pela primeira vez naquele verão, já sabíamos, com certeza, que as coisas seriam diferentes. Sim, as meninas começavam a desenvolver o corpo e alguns dos garotos tinham espinhas no rosto, mas havia outra coisa também. Algo sobre como víamos uns aos outros e a nós mesmos. Onde antes havia brincadeira, agora havia um elemento de *competição*.

Como sempre, demorou algumas semanas antes que todos chegassem à barca, ou nos próprios barcos. Os barcos dos pais, quero dizer. Na nossa turma, apenas o Mattias tinha o próprio barco. Isso tem um significado para a história, mas chegaremos lá aos poucos.

AMOSTRA

2

Desde quando conseguimos nos lembrar, nós sete estávamos destinados uns aos outros durante as férias de verão, já que éramos os únicos com a mesma idade em Särsö. Havia uma turma de adolescentes mais velhos e alguns garotos e meninas mais jovens, mas o contato entre os grupos era quase inexistente.

Para quem não conhece Särsö – e realmente é a maioria – trata-se de uma ilha na parte mais externa do arquipélago de Estocolmo.

No início da década de 1900, grandes áreas foram compradas por um corretor que depois vendeu as terras divididas em lotes e construiu cabanas que eram alugadas para o pessoal de Estocolmo com bons lucros. O Evert Taube visitou Särsö no início da década de 1950, mas felizmente nunca fez uma música com suas vivências, de modo que a ilha é um segredo bem guardado mesmo com o acesso das barcas da Vaxholm. Durante o inverno, há doze pessoas residindo em Särsö, durante o verão, cerca de cento e cinquenta. Existe uma loja sazonal que é frequentada principalmente por marinheiros em busca de delicatéssen.

Vamos simplificar. *Vi på Saltkråkan** foi ambientado nas ilhas do Norte, mas dizem que foi em Särsö que Astrid Lindgren se inspirou para escrever sua obra. Então precisamos apenas imaginar Saltkråkan, mas quase duas vezes maior, e temos Särsö.

Mattias, o do barco, era o único da turma que tinha ligação sanguínea com a ilha. Seu pai nasceu em Särsö, mas, quando adulto, foi para Estocolmo onde fez carreira no ramo de ar-condicionado. Porém, voltava sempre no verão com sua esposa e seu filho. Sua casa era a única que tinha a moderna bomba de calor instalada. Frequentemente, Mattias citava seu avô, amante do folclore, que nos chamava de *fracos* e *privilegiados*, embora ele passasse a maior parte de seus dias em Östermalm, um elegante bairro de Estocolmo.

Meus pais alugavam uma casa desde antes do meu nascimento, portanto meu relacionamento com Särsö era quase tão antigo quanto o de Mattias. Nossos vizinhos mais próximos moravam em uma casa idêntica trinta metros distante da nossa. Mas tinham o sobrenome exótico de Bradbury e o pai da família era originário do Canadá. Sua filha, Felicia, tinha quase a minha idade e nossos pais diziam que costumávamos acenar um para o outro de nossos carrinhos

* *Vi på Saltkråkan* é um livro infantil que conta a história da família ***Melkersson em suas férias na ilha Särsö***. [N. da T.]

AMOSTRA

de bebê. Logo que aprendemos a andar, procurávamos a companhia um do outro para brincar.

Helena e Maria ficavam no outro lado da ilha, aquele que o corretor havia sido dividido em lotes simétricos e onde as pessoas eram chamadas de *Nybygget* (novas construções). Suas mães eram amigas e as famílias moravam cada uma do seu lado de uma cerca viva de lilases.

Costumavam dizer que poderiam se comparar comigo e com Felicia em relação ao tempo de amizade porque haviam *engatinhado* juntas.

O terceiro par eram Mattias e Hasse. Não gostavam de ser chamados de Matte e Hatte. Os pais de Hasse alugavam uma casa do avô de Mattias e sua amizade começou porque Hasse chutou uma bola de futebol no terreno de Mattias quando os dois tinham cinco anos. Mattias se recusou a devolver a bola, em parte porque estava no seu terreno, em parte porque não era um *fraco*. Os dois se encontraram e brigaram um pouco, depois pegaram a bola e foram para o campo jogar juntos.

Por último, o Wille. Sua procedência era menos clara. Mattias e Hasse alegam que o sujeito comprou sua participação na turma oferecendo guloseimas, mas, sobre isso, até Felicia e eu havíamos brincado com Wille sem oferta de guloseimas. Foi através do Wille que Felicia e eu conhecemos Matte e Hatte. Quando eles tinham seis anos e nós, cinco.

No mesmo verão, conhecemos, Helena e Maria e começamos a nos encontrar na praia. O grupo ficou completo e passávamos o verão com brincadeiras, dramatização pique-pega, passeios, banhos, jogos de cartas e muito mais. Quando tínhamos onze anos, lançaram o *Drakar och Demoner* (Dragões e Demônios) e eu era o mestre do jogo. E, por falar nisso, eu sou o Johannes.

3

Mas agora falaremos do verão de 1985, o verão quando nós, os garotos, fizemos algo inédito e fomos até Svärtan. Felicia e eu já estávamos juntos há alguns dias quando Matte e Hatte chegaram. Começamos logo com nosso jargão particular, nossas piadas privadas. Por que *Cederroth's blodstoppare* (curativo de sangue do Cederroth) é tão divertido? Só nós sabemos.

Na mesma tarde, o Wille também veio balançando na sua bicicleta que era muito grande para ele. Era o único do grupo que ainda não havia completado catorze anos e, pelo seu corpo miúdo, podia-se imaginar que tinha onze anos

AMOSTRA

ao invés de treze. Seu pais compraram a bicicleta grande para que Wille pudesse "crescer nela", mas Wille não cresceu.

Wille tinha cabelos ruivos e era um pouco dentuço. Contou-me em segredo que na cidade era chamado de Ville Vessla (cara de fuinha). Eu nunca espalhei a informação para ninguém além de Felicia e não somos de fazer bullying. Aliás, ninguém no grupo era, mesmo o Hasse que tinha algumas tendências, mas raramente aparecia. Sempre fomos legais uns com os outros e isso nos permitia ser como somos.

— Merda, Wille — disse Hasse. — Foi você quem encolheu ou a bicicleta cresceu?

Como eu disse: tendências.

— Merda pra você, Hatte dos infernos — disse Wille e jogou a bicicleta na sarjeta. — O que tá acontecendo?

Acontecia que, no momento, jogávamos cartas na varanda do Mattias. Quando Hasse completou doze anos, havia ganhado um jogo de poker com fichas de plástico e, desde então, havíamos abandonado o Casino e o Skitgubbe em favor do Texas hold'em.

— Nada demais — respondi e fiz um gesto para as apostas na mesa. — Mas a emoção tá alta.

— Merda — disse Wille. — Tão jogando cartas a esta hora? Tá um dia lindo.

— Também acho — comentou Felicia. — Mas esses aqui...

Felicia era muito ruim no poker e consequentemente achava o jogo chato. Dizia que não podia jogar mal em um jogo que só dependia de sorte, o que resultava nos meninos balançando a cabeça duvidosamente. Se dependia apenas da sorte, por que sempre perdia? Porque sempre estava sem sorte, era sua resposta constante.

Eu não queria abandonar a partida porque o valete e o ás que tinha na minha mão combinavam bem com o valete e ás na mesa. O valor era mais de cinquenta coroas em dinheiro de plástico. Propus um aumento cauteloso, o que fez Felicia desistir jogando as cartas na mesa. Caíram com a face para cima. Levantei as sobrancelhas.

— Você tinha uma *escada*! Não pode desistir quando tem...

— Posso fazer o que eu quiser, quando quiser — disse Felicia cruzando os braços sobre o peito. — Diferente de alguns. Este ano você vai ter que voltar pra casa cedo pra dormir?

AMOSTRA

Wille levantou as mãos e Felicia as tocou sem entusiasmo. Fiquei um pouco vermelho. Aos dez anos, Felicia já tinha liberdade para dormir a hora que quisesse, mas, no meu caso, demorou até completar doze anos.

Tentei encontrar alguma resposta legal, mas a única que conseguiu foi:

— Não. Este ano, não.

Felicia franziu os lábios e disse:

— De qualquer jeito, eu jogo como quiser.

— Diabo, como você tá chata — disse Mattias para Felicia. — O que foi? Tá menstruada?

Wille achou isso muito engraçado e riu alto, mais porque sabia que seria melhor não tentar desafiar o Mattias. Eu *nunca* teria dito aquilo, especialmente porque Felicia havia confidenciado no dia anterior que *ainda* não ficara menstruada, embora a maioria das meninas na sua classe já.

Olhei para Felicia que olhava para a mesa e rolava os dedos. Durante os dias de verão, quando estávamos sozinhos, ainda éramos amigos e confidentes, mas alguma coisa havia mudado.

Sempre fomos muito físicos um com o outro, desde pequenos. Lutamos, socamos e empurramos e seguramos as mãos. Dormimos juntos algumas vezes e, nos dias chuvosos, ficamos enrolados no sofá e assistimos algum filme meio assustador, até comemos doces da mesma tigela. Nossos pais contavam que, no verão, quando tínhamos cinco anos, nos beijávamos tanto que quase parecia incorreto, mas deixaram continuar.

Mas, naquele verão, apareceu uma distância. Ao abraçar Felicia pela primeira vez quando nos encontramos, ela ficou rígida e, mais tarde, quando toquei seu ombro, se encolheu e se distanciou. Será que achava que agora a proximidade física comigo seria perturbadora somente porque eu era um rapaz? Não entendi e fiquei um pouco aborrecido.

Ganhei a partida e peguei minhas fichas com as duas mãos. Era totalmente insignificante e muito satisfatório. Hasse bocejou e tentou parecer indiferente, mas eu sabia que ele estava aborrecido. Julgava-se o melhor nos jogos de cartas. Quando terminou o bocejo, questionou:

— Helena e Maria, então? Alguém sabe delas?

— Passei por suas casas de bicicleta agora há pouco — respondeu Wille. — Pareciam vazias.

Mattias, que nunca perdia uma oportunidade de mostrar seu relógio digital com minicalculadora, olhou para o relógio e disse:

AMOSTRA

— Talvez venham no barco das três, vamos até lá dar uma olhada?

A minha coisa era um canivete suíço que eu carregava sempre, mas não via nenhum motivo para mostrar.

Era uma caminhada de apenas cinco minutos até o cais, então abandonamos as bicicletas. Wille deixou sua bicicleta destrancada na sarjeta. Agora eu consigo me recordar desses detalhes, mas, naquele momento, era algo muito natural. Ninguém trancava sua bicicleta, apenas a porta de casa, e, ainda assim, nem todos.

Matte e Hatte foram na frente, mas Felicia ficou por último, então Wille e eu ficamos no meio. Ele jogou sua franja ruiva para o lado e questionou:

— Sabia que não existe fuso horário no Polo Sul porque todas as longitudes se encontram lá?

— Então como acertam o relógio lá?

— Depende do país, da estação de pesquisas ou coisa parecida. Usam o fuso horário do seu país.

— É igual no Polo Norte?

—Acho que sim.

Wille era o único que tinha um computador, um Commodore 64, e costumava ler o dicionário. Até onde eu sabia, ele nunca havia lido um livro sobre um assunto específico, então seus conhecimentos eram superficiais, mas diversificados. Sabia sobre o motor Wankel, baleias assassinas e índios do Amazonas. E outras coisas mais. Wille respirou fundo e seus lábios formaram um V como quem diz *você sabe*, mas eu o interrompi perguntando:

— E como vai o resto?

Wille sacudiu os ombros.

— O de sempre. Entrei para um clube de xadrez. Minha irmã tá no caratê.

— A Lovisa? Caratê? Mas ela só tem... quantos anos? Dez?

— Tá começando. Quase quebrou o nariz de outra garota.

— Elas podem fazer isso?

—Claro que não. Você joga xadrez?

Eu sabia as regras e havia jogado com meu pai algumas vezes, mas ficava confuso quando pensava em todas as possíveis combinações e entrava em pânico, então eu respondi para Wille:

— Não.

— Posso ensinar.

— Veremos.

— Então podemos preparar algum cenário também.

AMOSTRA

Eu disse:

— Hum, talvez — e olhei para longe, tentando escapar do olhar suplicante de Wille.

4

Durante o verão passado, eu me tornei muito popular jogando Dragões e Demônios. Sem querer me gabar, posso dizer que sou muito bom em criar situações emocionantes para fazer o jogo fluir. Brincar de personagens frequentemente é coisa de rapazes, mas as meninas também participavam, mesmo que Helena tivesse perdido o interesse depois de algum tempo.

Quando existem muitos jogadores fica bastante confuso e pode demorar antes que cada um possa realizar sua façanha. O sonho do grupo no verão passado era conseguir jogar em um cenário sozinho comigo e ter toda a atenção do mestre do jogo. Fiz isso uma vez com Felicia para que ela aprendesse e uma vez com Mattias para... bem... sim, por uma questão de status.

Nosso grupo, na realidade, não tinha um líder, mas Mattias era, sem dúvida, o *cão alfa, o top dog*. Era o mais bonito e o mais forte entre os rapazes, era o melhor no futebol e tinha o próprio barco. Se o jogo comigo era um sonho, a outra *coisa* era poder dormir na casa de Mattias e assistir filmes de terror proibidos no videocassete que ele tinha *no próprio quarto*.

Preparei uma variante simplificada de uma aventura e deixei Mattias encontrar um tesouro razoável. Depois, ele se sentou na cama e eu fiquei em um colchão enquanto assistimos *Holocausto Canibal*.

Poderíamos ter parado por ali. Quando fui dormir na noite seguinte, não conseguia me livrar da imagem de uma mulher empalada em um poste e só consegui dormir quando já estava clareando o dia.

— Filme legal, hein? — comentou Mattias pela manhã.

— Aham. Um baita filme de terror.

— Fazemos a mesma coisa esta noite? Eu tenho *I Spit on Your Grave*. Tem uma longa cena de estupro.

— Bem, seria ótimo, mas... eu não tenho mais cenários.

— Você não consegue encontrar um?

— Não é tão simples, foi mal.

AMOSTRA

Na verdade, era muito simples. Eu precisava apenas ler os cenários e depois improvisar. Poderíamos jogar uma noite inteira sem que eu precisasse consultar o manual. Era como brincar com as expectativas dos jogadores. Digamos que se alguém resolvesse pesquisar um corredor escuro buscando uma armadilha, eu poderia colocar uma armadilha lá, para que os jogadores se considerassem espertos. Ou poderiam entrar em um quarto e, por algum motivo, tinham muito medo da Hidra. Então haveria uma Hidra no quarto. E assim por diante.

Sem dúvida, eu poderia improvisar um cenário do nada, especialmente quando se tratava de apenas *um* jogador. Alguns corredores, algumas armadilhas, um par de monstros e um tesouro. Mamão com açúcar. Mas eu não sentia nenhuma atração por uma "longa cena de estupro" então fiquei na minha.

Também não tinha vontade de sentar na frente de um tabuleiro de xadrez com o pulso acelerado enquanto Wille me arrasava, daí minha resposta evasiva durante a caminhada. Felizmente, Wille não insistiu e começou a falar de ursos polares. Como eles tinham a pele negra. Ouvi pela metade e depois questionei:

— Você ouviu alguma coisa sobre o Danne?

— Aham.

— Tão estranho.

— O quê?

— Ele simplesmente... tipo, sumiu.

5

Daniel Eklund – sempre chamado de Danne ou Eken – pertencia a uma das turmas de adolescentes mais velhos e era o melhor amigo do Krille, o irmão mais velho do Hasse. No início do verão, Danne havia se afogado durante uma pescaria. Que ele havia *sumido* era e não era verdade. Seu corpo foi encontrado flutuando mais tarde no mesmo dia, usando um colete salva-vidas, deitado de bruços sem possibilidade de ser salvo. Ao mesmo tempo, ele havia realmente sumido porque não era mais visto nos caminhos de cascalhos de Särsö dizendo "boa" quando alguém passava por ele.

Até mesmo a morte de Danne deixou uma marca especial no verão de 1985. Não era normal uma pessoa se afogar e quando se tratava de uma pessoa tão jovem tinha um peso maior. Parecia um assunto proibido naquele verão. As conversas

AMOSTRA

nos encontros ocasionais eram menos alegres e as pessoas andavam com menos vivacidade nos passos. Uma seriedade havia invadido o sentimento mais leve do verão.

6

Havia algumas pessoas no cais, mas apenas dois estavam com bagagem de modo que a maioria estava lá para receber alguém, como nós. Atualmente poderíamos ter enviado uma mensagem a Helena e Maria para saber exatamente quando chegariam, mas naquele tempo só esperando para ver. Realmente parece que *esperávamos* mais antigamente. Então esperamos. Sentamo-nos em uma fila na borda do cais e balançamos as pernas sobre a água.

Não sei quão estranho é isto, mas, desde os doze anos, eu tenho a capacidade de me observar do lado de fora. Dar um passo para trás e refletir sobre a situação em que me encontro. Enquanto estávamos sentados na borda do cais, fiz exatamente isso. Era uma tarde de verão, no cais, meus amigos enfileirados ao meu lado e as pernas balançando. O cimento áspero do cais contra minhas pernas. A barca apareceu entre Tranholm e Grimör, o sol refletido em suas janelas.

A vida é boa. Mas isso não é tão óbvio. Aproveite a vida.

Provavelmente não pensei exatamente essas palavras, mas o sentimento quando me vi pelo lado de fora foi este: que aquele era um dos muitos momentos fugazes que nunca se repetiriam, mas que, de alguma forma, me formavam. De vez em quando tirava uma dessas fotografias internas para meu álbum emocional de fotos que sempre levo comigo.

— Imagino como elas se parecem agora — disse Mattias sem dirigir sua pergunta para alguém em particular. Era o único entre nós que estava bronzeado porque costumava frequentar o solário.

— Pra que possamos reconhecer quando chegarem? — retrucou Felicia ainda com um tom amargo na voz.

— E daí? Devem parecer como sempre, ou não?

— Não necessariamente.

Talvez porque Felicia não havia mudado nada desde o verão passado, achava difícil imaginar que as outras pessoas poderiam parecer diferentes.

AMOSTRA

7

Acho que não poderíamos reconhecer Helena e Maria se estivessem separadas, mas juntas mantinham características suficientes para permitir a identificação.

Maria havia tingido os cabelos castanhos de preto, cortado com uma longa franja, começado a usar delineador nos olhos e batom rosa shock. Estava mais ou menos tão alta ou baixa como no verão passado e usava roupas largas. Suas bochechas estavam cheias de espinhas, que não conseguia disfarçar totalmente com a maquiagem.

Se vamos falar de opostos entre as pessoas, Helena agora era o oposto de Maria. Crescera pelo menos dez centímetros em todas as direções. Altura, busto, quadris. Seu cabelo era louro e descia até o meio das costas e suas bochechas antes redondas haviam se retraído sobre os maxilares e seus olhos azuis pareciam maiores. Havia simplesmente enlouquecido e usava uma camiseta curta que deixava aparecer a barriga.

Helena e Maria saíram do barco acompanhadas de suas mães. O pai de Maria era médico e trabalhava muito no exterior, de modo que não era anormal ficar ausente todo o verão. Em contrapartida, Helena vinha sem o pai, algo que nunca acontecera. Talvez fosse uma explicação para seu comportamento nervoso e inseguro.

Mattias e Hasse ficaram estranhos na presença de Helena. Rindo alto demais e mais lerdos e "atrapalhados" nos movimentos. Wille era infantil demais para ser influenciado e eu... não seria impossível pensar que, pela primeira vez, comecei a pensar que as meninas não são a minha praia. Não me alterei quando abracei Helena e senti o odor de algum perfume de verão. Talvez não totalmente indiferente porque alguma coisa em mim queria *ser* como Helena. Andar como ela, ter o seu perfume.

Tinham muita bagagem e, como os dois carrinhos estavam ocupados, ajudamos a carregar. O sentimento de constrangimento não queria ir embora. Helena falava rápido e de modo forçado e Matte e Hatte estavam ansiosos para ajudar. Eu seguia atrás, ao lado de Maria. Quando tínhamos dez anos, descobrimos que compartilhávamos um interesse pela leitura e isso nos aproximou. Durante os verões, emprestávamos livros um ao outro. Portanto, comecei a conversa com este assunto:

— E então, tem lido alguma coisa boa ultimamente?

AMOSTRA

— Durante um tempo, li bastante Stephen King, mas agora tô lendo *O estrangeiro,* de Camus e... — Maria olhou ao redor para controlar se ninguém estava ouvindo e disse em voz baixa: — ...*Hollywood Wives*.

— Aquele com... — eu sabia da reputação do livro e fiz um gesto que poderia significar qualquer coisa.

Maria enrubesceu um pouco e disse:

— Sim, aquele *com*... Mas não conta pra minha mãe. Ela pensa que só leio Camus, Kafka e essas coisas.

— E por que eu faria isso? "Olá, senhora Dahlberg. Sabia que sua filha lê pornografia?"

O rubor nas bochechas de Maria aumentou.

— Não é... nesse caso, acho que *A tribo da caverna do urso* foi mais... bem, você sabe.

— Não li esse.

— Posso te emprestar, se você quiser.

— Hum, talvez. Mas prefiro *Hollywood Wives*. Fico um pouco curioso em todo caso.

— É realmente bem emocionante.

Se Helena estava mais nervosa, Maria, como seu oposto naquele verão, havia... sossegado um pouco. Falava mais devagar, em um tom mais baixo e havia uma aura de tristeza ao seu redor. Nunca fora muito falante, mas agora parecia... mais profunda, mais séria.

Andamos bem devagar porque a mãe de Maria tinha algum tipo de doença reumática. Costumava passar os verões na varanda onde lia livros, e, de vez em quando, nadava na baía para movimentar o corpo. Maria sempre parecia ter uma tristeza nos olhos quando falava da mãe, de quem ela gostava muito. Talvez a doença estivesse pior naquele verão e daí a tristeza.

AMOSTRA

8

Era uma caminhada de pouco mais de um quilômetro até a casa das meninas do lado das construções novas, chegamos bem suados. A mãe de Helena ofereceu um suco e aceitamos. Depois que nos sentamos à mesa do jardim, Yvonne, a mãe de Helena, disse:

— Talvez tenham estranhado, mas o Åke e eu nos separamos durante o inverno. Sim, então está dito.

Concordamos silenciosamente e não sabíamos o que dizer porque nenhum de nós tinha experiência com pais separados. Olhei para Helena, que olhava para o mar como uma indicação de que não tinha nada a acrescentar. Entendi que era difícil para ela. Depois de beber o suco, nós nos despedimos porque a situação ficou um pouco desconfortável.

— Vamos mais tarde — disse Helena. — Onde vocês estarão?

— Nos lugares de sempre — respondeu Mattias indiferente.

— E alguns diferentes. A pilha de esterco atrás do celeiro verde, entre outros.

Mattias olhou aborrecido para Wille, mas como achei legal ele dizer aquilo e gostava de chatear um pouco o Mattias, acrescentei:

— Não falamos do mastro da bandeira atrás da loja também?

— Isso mesmo — Wille estalou os dedos. — E *no mar*.

— Alguma parte especial do mar? — perguntou Maria e uma luz pequenina acendeu nos seus olhos enquanto Helena sorria com incerteza. Wille foi surpreendido pela resposta, abriu os braços dramaticamente e disse:

— Não. *Todo* o mar. *Todo* o tempo.

— Merda, vocês são ridículos — disse Hasse.

— Vamos agora?

Felicia mal havia dito uma palavra desde que encontramos Helena e Maria. Não era do seu feitio, então talvez ela também havia mudado de alguma forma desde que nos vimos pela última vez, mesmo que não na aparência.

9

Depois que deixamos Helena e Maria com a promessa de um encontro mais tarde, Mattias, Hasse e Wille foram para suas casas, e Felicia e eu ainda tínhamos uma caminhada de cerca de cem metros até as nossas. Quando todos desaparecem de nossas vistas, Felicia parou no meio do caminho e disse:

— Tenho pensado.

— Sim. Parece que sim.

— Helena... — começou Felicia, mas parou, colocou a mão na garganta e tossiu como se o que pretendesse dizer exigisse pensar melhor.

— O que tem ela? — estranhei.

AMOSTRA

— Aparentemente, ela fez tudo certo desde a última vez, se você parar pra observar, ela tá mais para um...

— *Sex simbol*?

Felicia riu para a expressão antiquada, mas concordou e disse:

— Hum, exatamente. E o caso é que... — com um movimento de provocação inconsciente, Felicia empurrou um cacho de cabelo para trás da orelha antes de continuar: — ...eu não sei se consigo acompanhar a coisa.

Não pude deixar passar, então eu disse:

— A coisa é que você não tá acompanhando a coisa?

Felicia empurrou meu ombro como costumava fazer antigamente e disse:

— Você entende o que eu quero dizer.

— Não, eu não entendo.

— Ser mulher. Isso que a Helena faz tão bem. Ok, eu não sou tão bonita quanto ela, eu sei disso...

— Claro que você é bonita.

Felicia piscou.

— Obrigada, querido, mas sabemos que não é verdade. Acho que pareço totalmente ok, mas a coisa é que... — Felicia deu uma pausa. — *Tudo bem*, eu digo *coisa* um pouco demais, mas...

— Fala da coisa *mulher*.

— Sim. Eu acho que poderia muito bem fazer um pouco de... — a palavra estava saindo da sua boca mas ela mudou para: — ...*sedução*, mas não sei se quero, você entende?

Cocei minha nuca e respondi:

— Acho que sim. Porque eu... eu também não sou muito chegado a coisas de homem. Igual ao Matte e Hatte, por exemplo.

Felicia concordou e olhou para o chão. Ficou um longo tempo assim e eu estava quase dizendo "nos vemos então" quando ela levantou a cabeça e perguntou:

— Você já ficou com alguém?

— Hum, duas vezes.

— Quanto?

— Como assim quanto?

— Você sabe... — Felicia balançou as mãos bem perto das curvas do seu corpo. Entendi o que ela queria dizer e disse:

— Não. Somente beijos.

— De língua?

AMOSTRA

— Uma vez.

— Como foi?

— Foi ok. Você nunca fez isso?

— Não.

Eu pensei em me oferecer, mas, no mesmo instante em que pensei, percebi que seria absurdo. Quando disse que Felicia era bonita, veio de um modelo padrão, um conhecimento teórico. Felicia era apenas *Felicia* e colocar a língua na sua boca ou tocar nela *daquele jeito* seria como fazer aquilo com minha mãe ou com um cão. Seria simplesmente *errado*.

Talvez fosse minha imaginação, mas pensei que havia algo no ar entre nós que eu não queria sentir, então me apressei em dizer *até logo* e *nos vemos por aí* antes de poder dizer ou fazer qualquer coisa.

Depois do jantar, fiquei na minha cama por um tempo antes de sair para encontrar os outros. Pensei em coisas de mulheres e coisas de homens e em como encarar tudo aquilo. Se Felicia não queria fazer suas coisas e eu não queria fazer as minhas, como ficávamos? Em algum lugar intermediário? Talvez devêssemos ficar juntos de alguma forma, mas não *fazer as coisas*? Não, isso também parecia impossível.

10

O caso da língua foi um baile à fantasia na escola alguns meses antes. Estava fantasiado de Darth Vader e Anita, uma menina da minha classe, era a princesa Leia. Talvez fosse porque havia algo que proibia os dois de ficarem juntos, a atração nisso.

Depois de uma confusão, acabamos juntos embaixo de um banco no canto. Eu já não estava usando a máscara e Anita havia removido os coques de cabelo das orelhas. Beijamo-nos. Seus lábios tinham um gosto de morangos sintéticos. Quando sua língua entrou na minha boca, fiquei paralisado porque: primeiro não entendi o que era essa coisa quente que entrava em minha boca.

Depois entendi e lambi de volta. Era molhado e desconfortável, mas, de alguma forma, gostoso. Gostei de fazer aquilo, mas aqui está *a coisa*: *não tive nenhum desejo* de fazer algo mais.

Já tinha visto filmes de terror proibidos para menores suficientes para saber aproximadamente o que vinha depois, mas tinha zero vontade de fazer aquilo.

AMOSTRA